

wer und was sie auch einst gewesen sind in dieser vergänglichen Welt vom Bettler bis zum Kaiser. Daß Christus dann auch zu uns sein Gnadenwort spräche: „Ei, du frommer und getreuer Knecht!“ Die Werke deiner Liebe sind dir nachgefolgt. Das kann geschehen, wenn wir Kinder, Mütter und Väter retten durch unsere Gaben und unseren geistlichen Beistand in der schweren Stunde ihrer Entscheidung. Dann wird bei vielen der geistliche Hunger nicht ersticken, und sie werden beharren.

„Die Liebe höret nimmer auf.“ Amen.

P. W. Hilbk, São Leopoldo.

Uma Palavra Evangélica sôbre a Questão Social

Não tencionamos apresentar por meio dêste uma contribuição a um tema à moda corrente. Para esquivar-se do perigo de acrescentar às várias «soluções» da questão social uma mais ou menos nova — é, antes de tudo, necessária uma breve reflexão sôbre a idéia principal, que constitui a natureza dêste problema sempre atual.

Sômente desta maneira se resiste à vaidosa tentação de elaborar, sem escrúpulos, programas fartos de expressões corriqueiras de tôda a terminologia sociológica, programas êstes absolutamente isentos de qualquer responsabilidade conscienciosa.

Se, além disso, a Igreja, que se incumbiu da missão de pregar o Evangelho puro, tem uma palavra a dizer sôbre êsse assunto, não o deve fazer sem primeiro confessar, o que ela compreende por «Evangelho».

1. O que significa Evangelho?

Digamos primeiro qual *não* é a sua significação. O Evangelho de Jesus Christo, como no-lo apresenta o Novo Testamento, em primeiro lugar *não é um sistema de valores éticos e sociais em si*. Jesus pregou o amor a todos os homens, é verdade, mas êste amor é inseparavelmente ligado ao amor de Deus:

«Amarás ao teu próximo como a ti mesmo.» Sem saber algo de Jesus, pensadores chineses, como também gregos e romanos haviam almejado o ideal duma humanidade que ligasse todos os homens. Embora os ensinamentos de Jesus tivessem maior influência no mundo e sua história do que as idéias dos referidos filósofos, fariamos um grande êrro, considerando-o um reformador social, ou um revolucionário ético, como, de fato, muitos o querem apresentar atualmente. O Evangelho também *não representa, pois, um sistema de valores materialmente reais ou, ainda, um programa político-social* com finalidades limitadas ao mundo visível. Jesus não exaltou o trabalho como o valor máximo, à moda socialista; disse, apenas, que cada um que trabalha merece o seu galardão. O apóstolo Paulo torna a dizer o mesmo no dito conhecido: quem não trabalha, não comerá. Da mesma forma, Jesus não privilegiou os pobres pelo simples mo-

tivo de serem êles as inocentes vítimas de um injusto sistema econômico. E' certo, justamente por motivo de sua indignação, considerou-se especialmente apropriados para seguirem o seu Evangelho do reino sobrenatural de Deus.

Si Jesus anuncia um tal reino super-terrestre, isto não significa em caso algum que será partidário duma metafísica, com a finalidade de consolar os desprotegidos pela sorte terrestre, prometendo-lhes compensações futuras.

O Evangelho *não é metafísica baseada em misticismo ou em idealismo* — não tem o propósito exclusivo de despertar a fé em seres eternos. E' muito significativo que, tanto para Platão, como também a todos os seus sucessores idealistas, aquêlo reino de verdade e idéias sempre permanece «ideal», jamais atingido nêste mundo povoado por falíveis seres humanos, tornando-se desta maneira uma «tarefa permanente» com um «progresso infinito» (Kant).

Jesus Christo, porém, diz: o reino de Deus (em sua própria pessoa) está no meio de vós (Luc. 17, 21). E esta palavra de Jesus — testificam-na suas próprias obras e as obras de sua comunidade. Embora o reino de Deus ainda não tenha aparecido em tôda a sua plenitude, mesmo assim no coração dos verdadeiramente crentes, vive o «Espírito» como *penhor* — não como ideal no sentido dum alvo longínquo e inatingível.

Assim, torna-se evidente que o Evangelho de Jesus Christo não pretende ser um sistema metafísico. Igualmente não tem o propósito de melhorar o mundo com suas instituições, aumentando-lhe o nível material e espiritual à maneira idealista. *O mais profundo objetivo do Evangelho não é melhorar o mundo, mas sim, salvá-lo.* Esta salvação começa, como fato real, na vida, morte e ressurreição de Christo; a sua gloriosa consumação: — a comunidade dos fiéis a aguarda, pois ela tem a promessa de Christo.

A *Bíblia* nos diz tudo isso com mais clareza com o termo: *Reino de Deus*. Qual será a significação dessa palavra em conexão com nosso tema? — Jesus anunciava a vinda do reino de Deus. Nêle mesmo, na pessoa de Christo, em suas palavras e obras, o seu evangelho se aproxima a todos os homens com suas pretensões divinas.

A primeira consequência desta aproximação é que o homem precisa humilhar-se perante a mensagem de Christo. Não é possível entrar no reino de Deus sem penitência. O Pai celeste tem seus braços abertos unicamente para receber o arrependido, como nos prova a parábola do filho pródigo.

No outro lado temos que considerar que naquêles tempos o reino de Deus ainda não apareceu aos homens em tôda a sua glória. A grande maioria dos judeus contemporâneos de Jesus não o aceitou, pois havia-se aferrado à idéia dum Messias que viesse com poder e esplendor. Jesus, porém, preferiu ser o senhor *oculto* do seu reino, certamente não pelo motivo de anunciar apenas um reino moral e espiritual, com valores exclusivamente internos e subjetivos, ou porque talvez já naquêles tempos fôsse partidário de um futuro programa social, para o qual a humanidade sômente agora estivesse

amadurecendo, não — êle permaneceu na humildade porque ainda não havia chegado a hora do juízo final, pois a completa e definitiva revelação de Deus só pode realizar-se após o «derradeiro dia». E' por isso que Jesus conservou sua humilde posição, até a sua morte na cruz, instrumento de martírio êste, que não sem motivo veio a ser o símbolo da cristandade. Christo, como senhor do mundo imperfeito, permanece oculto: E' por isso, que devemos crer nêle. Para podermos vê-lo, devemos aguardar o irromper do mundo perfeito. Até que isto aconteça, a *fé* e a *caridade* devem caracterizar o cristão — devem caracterizá-lo também em seu modo de encarar a questão social.

E' de absoluta necessidade que o cristão evangélico tome a sério os fatos supra aludidos, que aceite as exigências e promissões comprovadas como necessárias para a salvação, e, principalmente, que não faça nenhum compromisso com a seriedade radical da palavra de Deus, modificando-a a seu belprazer, para satisfazer as exigências momentâneas que surgem e desaparecem sem deixar vestígios. Sendo Deus — em Christo — o Senhor de tudo que acontece, certamente a Ele também deverá ser subordinada a questão social. Esta questão precisa ser tratada com a mesma seriedade que reclamam tôdas as exigências de Deus. Estas exigências podem tornar-se apenas realmente atuais, quando são consideradas em uma situação concreta e definida de nossa vida humana. O Evangelho nunca deve ser anunciado apenas na teoria, sem pontos de contato com problemas da vida prática, pois neste caso igualar-se-ja a um castelo construído no ar. A prédica cristã deve basear-se em fatos concretos e reais que devem ser tomados a sério com o mesmo radicalismo como a santa vontade de Deus.

II. O que significa «questão social»?

Como se nos apresenta a situação que podemos reunir no termo: Questão social?

O problema não nasceu em nossos dias. Já em Roma antiga os plebeus lutavam com os patrícios para conseguir igualdade de direito; na segunda metade da idade média, tempo das corporações profissionais, iniciaram-se as contínuas contendas entre mestres e oficiais, seus empregados. Na história moderna encontramos o conflito social ligado ao crescimento da indústria que criou uma nova casta social, a dos operários de fábrica, que sempre reforçam suas fileiras com rapazes vindos do campo, tirando-lhe assim suas melhores fôrças. Ambos êstes fatos contribuíram para arrancar multidões de pessoas da ordem social, na qual até então tinham vivido, cortando os laços que os haviam prendido à terra e à pátria. A' opressiva incerteza material liga-se agora a do pauperismo e indiferentismo espiritual. E' uma verdade reconhecida que o homem torna-se descontente logo que lhe faltam as possibilidades de progredir com sua propriedade pessoal, onde pode colher os frutos de seus esforços particulares. Passando a ser empregado, sem possibilidade de tornar-se financeiramente independente, está sempre pronto para comentar a ordem po-

lítica e social de seu país, principalmente nas terras onde não há um poderoso guia espiritual e moral que possa amenizar os contrastes existentes. Isto vale em primeiro lugar para as nações que, uma vez altamente industrializadas, ainda tem de lutar para conquistar mercados no estrangeiro. Parece que no Brasil ainda não precisamos preocupar-nos com o último ponto. A nossa terra acha-se no eslado do capitalismo preliminar. Ainda existem grandes possibilidades para pequenos empreendimentos econômicos e industriais. Operários e oficiais de profissões práticas podem progredir e tornar-se independentes, caso forem assíduos e econômicos. Espaço e terras prestáveis ao cultivo existem em abundância e sempre aumentarão com o desenvolvimento das vias de comunicação. Igualmente a fertilidade da terra, junto com o clima ameno, deveria impedir que morresse à mingua um homem capaz de trabalhar. Conhecemos o dito correspondente: «Aqui só morre de fome quem quer»; isto é: quem não quer trabalhar. Principalmente no momento não precisamos temer o fantasma da falta de emprêgo que assusta as terras capitalistas própria-mente ditas, se bem que só aparece nos períodos de paz.

Sem dúvida, não podemos negar que em comparação com a América do Norte o nosso standard de vida ainda é bem baixo. Para terminar com êste «pauperismo» é indispensável um aumento de produção, fato universalmente conhecido. Resta apenas a pergunta se dêste aumento resulta necessariamente um aumento do nível das camadas trabalhadoras, ou, com outras palavras, se o enriquecimento da indústria nacional favorece o operário de nossa terra. As experiências feitas em países por exelência capitalista, com a miséria infável de suas grandes cidades industriais, não sustenta em nenhum caso a equação:

Produção aumentada e alargada =
standard de vida elevado *para todos*.

Já há decênios o escritor Henry George publicou um trabalho com o título significativo: «Progresso e Pobreza».

Assim devemos admitir que o problema social não é tão fácil a resolver. Quais são os fatores que formam o seu caráter especial no Brasil?

1.) Em primeiro lugar devemos adiantar que nas diversas regiões brasileiras há também diversos problemas sociais. Começemos com o mais primitivo: A altura dos preços e, com êstes, o nível econômico do povo depende em grande parte das condições de comunicação. Além disso, no sul do país, em consequência das diferenças de clima e solo, diversos gêneros alimentícios são mais baratos do que no norte ou no leste.

2.) As dificuldades do trabalhador rural do sertão são essencialmente diferentes das do operário que trabalha numa gigantesca fábrica de uma das grandes metrópoles. Certamente ambos terão queixas contra a opressão do patrão, que consideram avarento e explorador. Mas mesmo assim o problema não é o mesmo. Aliás — para possibilitar esta atmosfera de críticas generalizadas aos empregadores é preciso um operário alfabetizado.

3.) No outro lado é justamente o analfabetismo que dificulta imensamente todo e qualquer progresso econômico e social. Enquanto perdurar esta situação das massas, elas precisam ser conduzidas, de certo modo, no terreno político e social. Por este motivo tanto o Estado, bem como outras organizações não poupam esforços para alfabetizar o país, o que naturalmente só poderá produzir efeitos no decorrer dos anos.

De fato — não se pode, atualmente imaginar, como seria possível dar a um povo moderno instruções sobre dietética, se este povo não souber ler livros e jornais. Do mesmo modo a compreensão de noções higiênicas depende da maneira pela qual o Estado entende orientar o público por intermédio de jornais e outros meios de publicação.

Desnecessário torna-se, dizer que a alfabetização, isto é, a fundação de escolas, apenas é capaz de criar uma certa base limitada para a solução do problema social. Si os responsáveis pela orientação do ensino não se deixarem guiar por normas rigorosas e bem planejadas, desistindo de uma vez para sempre da caça de efeitos teatrais, de curta visão, a propagação da «cultura» torna-se um método seguro de criar uma geração de semicultos, meros caçadores de diplomas, nocivos em vez de úteis, por terem recebido noções de saber, sem as poder digerir. No material humano que resulta dum tal ensino mal orientado, com facilidade se encontram caracteres irrequietos e descontentes, que, por terem o caráter dividido e desordenado, tornam-se provocadores de desordens, por excelência.

4.) Ainda outra circunstância devemos considerar: Uma terra, composta por imigrantes de todos os continentes só no decorrer da história pode transformar-se numa unidade. E isso não é possível sem crises, que facilmente podem ter influência na situação social da nação. Por isso deve exigir-se que nenhum dos grupos etnográficos existentes procure obter vantagens especiais, em prejuízo dos outros. E' claro que este aspeto da questão social só cai em vista nas terras relativamente novas sendo insignificante nas antigas nações européias.

Podemos então dizer, resumindo, que a questão social no Brasil, é, em princípio, um problema de produção, de comunicação e de educação? Em princípio — podemos afirmá-lo, si bem que com limitações. Precisamos, porém, lembrar mais uma vez que o Brasil se acha no estado do capitalismo preliminar. E' claro que essa circunstância abre campos de ação a todos os elementos progressivos, dando-lhes possibilidades de ir avante. Não esqueçamos, porém, que junto com a rápida assimilação do progresso técnico de outra nação mais desenvolvida ficamos, também, presenteados com as crises desta última. O problema econômico nestas condições, consiste numa produção descontrolada, que bem pode trazer vantagens temporárias a diversos indivíduos, prejudicando, porém, a totalidade, por conduzir ao desequilíbrio do mercado mundial, tendo, assim, em consequência uma baixa geral de salários. No campo moral é fato incontestável que uma atitude puramente «realista» em questões econômicas conduz à mania do querer-ganhar-dinheiro a todo preço, mania essa que com

o tempo destrói todo e qualquer espírito de sacrifício bem como os restantes valores éticos do povo, minando, assim, o fundamento no qual se baseiam as possibilidades do convívio humano. Quem pode negar que também entre nós já existem os indícios de um tal desenvolvimento insano?

Sendo impossível dar ao indivíduo liberdade sem limites sem pôr em perigo o povo em conjunto, todos os sistemas políticos estão de acordo exigindo que o estado controle a economia, ou, que ao menos lhe dê as principais diretrizes. Vemos assim que em tôda a parte sente-se o perigo que acompanha um capitalismo sem freios e restrições. *Para uma socialização geral, porém, parece que a sociedade e a economia brasileira carecem tanto de vontade como também de aptidão.* Parece que o capitalismo ainda é mais competente para solucionar os problemas econômicos. E' verdade que, se quiser sobreviver, ainda deve desenvolver muito a assistência social. De acôrdo com as declarações dum político, que tem a confiança de muitos, existe nos meios capitalistas, muita compreensão para êstes assuntos.

Podemos considerar resolvido o problema social, esperando uma vez na iniciativa e boa vontade particular do industrialista, consciente de sua responsabilidade, e, em segundo lugar confiando nos bons sucessos da legislação social do governo? Não há dúvida que as leis trabalhistas, atualmente em vigor, tiveram efeito benéfico em tôda a parte. *E', porém, dever duma igreja, lembrar que o Estado é composto por seres humanos, dotados d'uma alma.* O que valem as leis mais bem intencionadas, quando faltam as pessoas, verdadeiramente conscientes do seu dever, cujas ações são exclusivamente motivadas pela voz da consciência! E' possível que a um tal homem satisfaça esperar unicamente na boa vontade de alguns cidadãos? Ou será *êlé capaz de encarregar exclusivamente o Estado com deveres que êle sente sejam os seus próprios?* Um exemplo prático: Vemos, que nos subúrbios das grandes metrópoles a miséria cresce em escala sempre maior — cresce, apesar da assistência social — formando, assim, uma massa que sempre terá os ouvidos abertos para qualquer propaganda anarquista ou sectária.

Afinal de contas, nesta classe indigente acham-se também elementos que nasceram e se formaram no seio de nossa própria comunhão eclesiástica e social. Não somos constrangidos a exclamar junto com Jesus em vista dêstes famintos: «Tenho compaixão da multidão?» Também eles são nossos irmãos. E' certo que o primeiro dever da igreja é a testificação e a conservação da fé. Uma igreja, porém, que realmente vive em ligação íntima com o povo não se contenta em guardar apenas uma tradição, e seja ela a mais veneranda. O espírito de Christo deve renovar e vivificar as tradições — e justamente na situação concreta o espírito do Mestre fica comprovado.

Como o apóstolo Paulo diz, sômente aquela fé possui valor real que se manifesta no amor ao próximo, isto é, na caridade prática. (Gal. 5, 6). Como Wichern, o afamado fundador da «Missão Interna» que com profética visão já há cem anos reconheceu os perigos sociais,

morais e religiosos do capitalismo em sua pátria, ainda hoje uma igreja são deve ter o lema:

«A caridade me pertence como a fé.»

III. O arrependimento e a questão social.

De que maneira a anunciação da vinda do reino de Deus em Christo deve influenciar a comunidade de Jesus em sentido social?

Consta que a prédica de Jesus na Galiléa começou com a chamada ao arrependimento. Este arrependimento exige-se de todos. Justamente aquêles que naquêles tempos julgavam ser eleitos de Deus, os fariseus, necessitavam-na de maneira especial. Diante de Deus não há nenhum justo. Nós todos, como homens mortais, estamos perante Deus com mãos vazias. Mas igualmente aos nossos próximos somos devedores contínuos. Pedro, que sem dúvida vivia na sucessão de Jesus, tem que aprender do mestre que o perdão não será dado apenas 7 vezes mas sim 70 vezes 7 vezes. Isto simultaneamente diz-nos: Também aquêles, que querem ser christãos reais, perante Deus e homens permanecem culpados e continuam necessitando do perdão divino e humano. A conclusão lógica desta verdade é que também nós devemos perdoar aos outros, como diz claramente o Pai Nosso. Seja agora que possuímos muitos bens ou não, que dispomos de grandes ou pequenas somas — sem mais nem menos, não temos o direito de criticar qualquer outro por seu baixo nível social, nem os prováveis motivos dêste, seja preguiça, incompetência etc. Muitos casos o comprovam, se nos fizermos o trabalho de examiná-los mais de perto, que o pobre muitas vezes não possui bens por motivo de uma infeliz disposição de fatores contrários ao seu progresso, e do outro lado — que muitos ricos não contribuíram com nada para a acumulação dos bens que estão usufruindo.

Não queremos negar que de fato haja pobreza motivada por culpa própria, como também muitas riquezas são conquistadas com métodos moralmente duvidosíssimos, que às vezes até chegam a ser criminosos. Mas quem se atreve a pronunciar um juízo infalível em cada um dos casos! Que cada um prove-se a si mesmo, si em situações semelhantes não tivesse agido da mesma maneira!

Naturalmente é preciso combater a avidez dos exploradores inescrupulosos. Do mesmo modo, porém, é justo, contrapor-se às exigências demagogas feitas em nome duma casta social que põe os seus interesses particulares acima dos da nação. Esta defesa tanto para a direita como para a esquerda sómente pode ser considerada christã, quando nos incluímos a nós mesmos em nosso julgamento, vencendo nosso egoísmo inato.

Disse um importante teólogo: Quem não é capaz de exigir de si próprio a mesma coisa que exige dos outros — que fique quieto e não exija nada de ninguém. (Barth).

E' êsse modo de pensar que deveria possibilitar o afastamento de todo e qualquer ódio e amargura da luta social, que em si, como tôdas as lutas, é humanamente compreensível. E' claro que a huma-

nização apenas da luta social não é capaz de destruir divergências reais e exigências justificadas. Mas já podíamos considerar-nos muito bem sucedidos, caso conseguíssemos persuadir a todos que verdade e justiça objetivas e o seu próprio ponto de vista estreito e limitado não são uma e a mesma coisa. Já teríamos avançado um passo para frente si poderíamos tornar possível que um grupo ouvisse com paciência as reivindicações dos outros, tornando-se, assim, menos pressuposto a defender a própria «posição» com todos os meios possíveis. Confessamos, que esta paciência, que não procura os seus interesses apenas, só é possível onde existe algo mais altivo que interesses justificados e injustificados — isto é o saber da culpabilidade geral que nos humilha a todos sem exceção, fazendo-nos orar: Perdoa-nos as *nossas* dívidas. E' por isso que numa comunidade verdadeiramente christã tanto patrões como operários deveriam fornecer ao resto do mundo um bellissimo modelo, de como resolver definitivamente a questão social. Tracemos um exemplo: Um fabricante christão não trata seus operários com ares de chefe digno e paternal, como se fossem menores, nem lhes fala em tom áspero e grosseiro, consciente de sua posição superior. Se o seu christianismo fôr sincero, saberá respeitá-los como seres humanos, que, junto com êle, como seus irmãos, foram chamados para o reino de Deus. Isto não quer dizer que deva sujeitar-se a tôda e qualquer exigência do lado contrário — pois essa a sua paciência, que de nenhum modo seria christã, conduzi-lo-ia à ruina de sua obra. Mas na convivência de verdadeiros christãos nunca devia faltar fraternidade sincera. Em vez de considerar o próximo um concorrente que é preciso subjugar aos interesses próprios, fariamos melhor, vendo nêlo o nosso irmão que necessita de nosso auxílio e respeito. — Alguém disse com muita razão que o problema social é antes de tudo uma questão humana e psicológica.

Conta um estudante que havia vivido em estreita intimidade com operários, que um dêles certa vez lhe dissera: — Pedimos em primeiro lugar que nos considerem como seres humanos. — Essas palavras exprimem o desejo ardente de não ser tratado como méro objeto de assistência social e de legislação política. No entanto, só podemos ver no próximo o nosso irmão verdadeiro, quando, junto com êle, nos humilhamos perante um ser superior. Caso contrário pode acontecer (as palavras são do afamado teólogo Schleiermacher) que «humanidade que carece de divindade leva à bestialidade». Fraternidade verdadeira, isenta de orgulho e egoísmo, só pode existir numa comunidade cristã. O que costumamos chamar de solidariedade nacional ou internacional em geral apenas é um sucedâneo de natureza muito duvidosa. Jesus não nos ensinou amar apenas nossos contemporâneos — ou também a humanidade em geral — embora tal amor não esteja em contradição com sua doutrina — mas (p. ex. na parábola do bom samaritano) êle nos faz saber que o *próximo* é justamente aquêle que necessita de nosso auxílio numa situação concreta e definida que não raras vêzes nos é bastante incômoda. Na parábola do bom samaritano Jesus mostra que o cristão não se contenta

com belos sentimentos e magníficas teorias; mas sim, que faz algo de prático: Ele termina com as palavras: Vai e faz tu o mesmo.

IV. A questão social vista pelo homem novo.

O sentido propriamente dito da palavra «penitência» no Novo Testamento é «mudança de caráter, de propósitos». Ela exige que o homem, tocado por Deus na consciência, convertido e reconciliado, converta o seu modo de pensar, mude o rumo de sua vida, voltando à casa paterna como o filho pródigo na conhecida parábola de Jesus.

Não raras vêzes a Bíblia fala dêste fato como de um renascimento. (João 3, 3) Este renascimento — será algo que só envolve a Deus e a alma humana, enquanto as outras realidades da vida humana permanecem a ser regidas por leis diferentes? Não faltaram os, que assim o interpretaram. — Principalmente no século 19, mas, também em nossos dias, — houve e ainda há teólogos que querem limitar a influência da religião à alma humana, não reconhecendo um raio de ação da Palavra de Deus, que ultrapasse o púlpito das igrejas.

Mas pode o cristão renascido abandonar o mundo à influência da demonia, em cujo poder cai irrevogavelmente — prova-o a história moderna — quando o Espírito Santo deixa de ser eficaz entre as massas?

Quanta verdade contêm aquela palavra de *Chr. Blumhardt* que diz que o crente após sua renovação de cima precisasse de outra «conversão» para o serviço do mundo!

O mundo foi criado por Deus e é por isso mesmo que exige — e sempre o exigirá — nossa atenção e nossos esforços, que, em vez de prejudicar, fortalecem nossa comunhão com Deus. Ao criador devemos a fé — ao mundo, que é sua criação, o amor. *Luther* o diz com muita clareza: «O cristão não vive em si mesmo, mas sim em Christo, pela fé, e no próximo, pelo amor. Pela fé sobe às alturas de Deus — pelo amor torna a descer para seus próximos.» («Da Liberdade do Cristão»).

A caridade cristã não tem nada a ver com sentimentalismo, pois êste, em última análise, apenas procura a satisfação de seus próprios sentimentos, embora muitas vêzes pareça altruísta e compassiva. Ao contrário do amor inato por natureza o amor cristão não procura o que é seu, mas sim o que é dos outros. (I. Cor. 13). A personalidade eterna de Deus faz com que tomemos a sério também a personalidade humana. Um distintivo especial da caridade cristã é que ela inclui o próximo em todos os seus cálculos e atos. Seja, pois, êsse o ponto de partida do qual procuremos solucionar a questão social.

1.) O cristão considera a necessidade dos seus próximos como sendo a sua própria, não porque talvez tivesse o dom especial de imaginar-se na situação de outras pessoas, mas porquê, como Christo, êle tem compaixão do povo. Diante duma pessoa indigente não pode permanecer indiferente, neutro, ou apenas «objetivo». Muitas vêzes, um simples aperto de mão ou um olhar amistoso são capazes de ajudar. Passando por bairros onde o nível social é especialmente baixo, os seus pensamentos estão igualmente afastados duma indiferença

interior como a exprime a sentença: «Vejam êles mesmos como conseguir auxílio», como também duma rebelião puramente teórica contra tal «situação impossível». Em vez disso há de refletir qual o caminho necessário a seguir para criar um nível social mais digno a um ser humano. Nêste caso, cada um deveria possuir algo do caráter de *Albert Schweitzer*, para o qual significava doloroso sofrimento o fato de êle ser abençoado com bens materiais, enquanto outros passavam privações. Não o acusavam os olhares de todos os necessitados que encontrava?

2.) Não basta, porém, esta atitude interior. Temos o dever prático de aliviar a necessidade espiritual, moral e material onde no-lo seja possível fazer. Boas ocasiões para pôr em prática a nossa teoria — temo-las em geral mais do que estamos dispostos a admitir. Não devíamos, sem mais nem menos, reclamar a intervenção de terceiros — p. expl. do Estado — onde pessoalmente seríamos capazes de fazer alguma coisa. O serviço de «assistência social» que parte do Estado, às vêzes torna impossível uma ação social verdadeira.

As verbas extraordinárias empregadas neste sentido, nem sempre tem os efeitos maravilhosos como muitos propagandistas o querem. E' por êste motivo que convém entregar à Igreja e aos seus membros parte da assistência social, pois, esta é uma missão peculiarmente cristã. A igreja tem o direito de defender o direito a essa missão contra tôdas as tendências totalitárias do Estado.

Um exemplo: Em geral podemos dizer que há uma diferença fundamental entre uma enfermeira secular e uma diaconiza cristã, na maneira de encarar o seu serviço. Para a primeira geralmente não passa de «profissão», enquanto para a segunda significa — ou ao menos devia significar — vocação divina. Consta que o sentimento de fraternidade que ainda restou ao homem moderno, tem a sua origem na doutrina cristã. Porisso concluimos que a caridade que se afasta muito do cristianismo é destinada a degenerar.

Bodelschwingh, o fundador dos asilos e das vilas operárias de Bethel, disse certa vez: «A base para a solução do problema social não se deve procurar numa legislação rija e impessoal, mas sim no amor fraternal espontâneo e santificado pelo sacrifício — amor êsse que recebe fôrça e alimento do amor eterno de Deus.»

3.) O serviço mais eficaz que a Igreja é capaz de prestar na questão social certamente consiste na *colaboração, na criação duma nova mentalidade no Estado, na sociedade, no trabalho*. Não é isto o único objetivo da Igreja, nem o mais importante, mas deve ser uma consequência da pregação da Palavra de Deus, quando esta fôr realmente ouvida.

Como exemplo pode nos servir a história de Zaqueu, o publicano. Logo depois de ter entrado em contáto com Jesus, resolveu abandonar a maneira de pensar que até então lhe facultava uma moral muito duvidosa. (Luc. 19, 8).

João Batista aconselhou aos soldados de contentar-se com o seu soldo e de não conservar as irregularidades e injustiças peculiares à soldadesca antiga.

Quem quizer ser um filho de Deus deve carregar fardo mais pesado do que o geralmente imposto pela lei e pela moralidade vulgar. O cristão verdadeiro justamente na seriedade com a qual se põe a serviço do próximo em sua vida diária, deve ser um exemplo vivo da doutrina de seu mestre. «Seriedade» aqui não significa «pedantismo» nem «mania de organizar» — pois ambos êstes casos em última análise se originam de motivos egocêntricos; «seriedade» significa trabalho na presença de Deus, feito a bem do próximo. A sociedade em sua totalidade somente pode melhorar, se nela existem indivíduos que sentem responsabilidade por seus atos. Tudo o que se diz sobre «moralização» permanece ilusão, enquanto a questão não fôr atacada no ponto exato que é a única base para a moralidade verdadeira: isto é, na consciência do indivíduo que tem responsabilidade perante Deus.

4.) A todos os que são partidários dum mero idealismo religioso, digamos mais uma vez que o ter ideais por si não basta. Tanto nêste como também no outro mundo Deus não há de julgar-nos apenas por nossa vontade, mas, igualmente, por nossas obras (Math. 25, 31—46), pois estas são os resultados imediatos de nossas idéias.

Quais são estas obras que Deus exige de nós? Um exemplo: Certamente exigirá dum fabricante cristão que trate os seus empregados com justiça e compreensão, que faça tudo para lhes aumentar o gosto pelo trabalho.

Recentemente têm aparecido vozes que exigem, que certa porcentagem dos lucros seja paga diretamente ao operário. O operário cristão, porém não exigirá vantagens exageradas, sem justificação objetiva, porquê êle quer o bem da totalidade, que nêste caso é representada pela fábrica ou empresa em que trabalha. Ambos, patrão e operário, devem sentir-se unidos pela união que o trabalho origina, se bem que existe uma diferença de grau motivada pela diferença de responsabilidade.

5.) Só pode haver propriedade legal, se os métodos empregados na sua aquisição obedecem à lei. Isto significa: O Estado somente tem direito de proteger legalmente a propriedade, se combater eficazmente a ganância de capitalistas inescrupulosos.

A propriedade verdadeira, isto é a honestamente adquirida, certamente é a base para toda a cultura humana. Onde ela fôr desprezada, aí reinam os demônios. O homem, criado por Deus como ser moral, necessita de uma substância, pela qual possa sentir responsabilidade, sem considerar que é a propriedade particular que cria uma atmosfera de liberdade exterior, e, com ela, vontade e iniciativa para trabalho independente. O Velho Testamento protege a propriedade no 7., 9. e 10. mandamento. O Novo Testamento, é escusado dizer, pressupõe a mesma coisa. Certamente há casos especiais que precisam ser tratados individualmente: p. expl.: Jesus exige do moço rico que venda todos os seus bens, dando dinheiro aos pobres. Em nenhum caso aqui podemos generalizar, concluindo que cada cristão, por força, deveria desfazer-se de sua propriedade. A atitude de Pedro para com Ananias esclarece bem o modo de pensar do Novo Testamento. (Atos 5, 4).

Para o cristão, a propriedade permanece assim, geralmente um dom de Deus, que lhe é dado para que o empregue uma vez em seu próprio benefício, e, também, a favor de seus próximos. Nunca, porém, devemos esquecer, que mesmo assim, o homem é sempre exposto ao perigo demoníaco de abusar da sua propriedade. Nêste caso — isto é, notando que os seus bens terrestres lhe impossibilitam a entrada no reino de Deus — o cristão faz melhor em desistir da propriedade.

6.) Em um Estado que preza a igreja como potência valorosa, ou, também, que apenas exerce uma neutralidade benévola, como atualmente acontece no Brasil, cada cristão consciencioso tem o dever de colaborar espontâneamente com o govêrno.

Num Estado puramente pagão, ou, também, anticristão, o cristão se limita a prestar obediência passiva, que consiste no cumprimento de suas disposições enquanto não forem contra a consciência, bem como no respeito às outras instituições legais criadas pelas autoridades.

Essa atitude tiveram Jesus e Paulo em seus conflitos com o império romano. (Luc. 20, 25; Rom. 13). As nações americanas que atualmente afirmam perseguir objetivos cristãos, certamente podem esperar nossa colaboração ativa. Isto vale especialmente no terreno social.

Assim o cristão há de receber com regozijo a legislação social criada pelo Estado. Espontâneamente prestará a sua colaboração, para aumentar-lhe os efeitos. Da mesma forma saúda a assistência social, vendo nela o início para uma grande reforma social futura. O valor intrínseco desta sua colaboração reside justamente na conservação do teor especificamente cristão das suas ações. Este valor desaparece, quando fôr esquecida a conscienciosidade individual, que tantas vêzes costuma ceder lugar à burocracia impessoal. Isto significa que a verdadeira colaboração sempre é ativa e pessoal. Ela se conserva o direito de opiniões próprias acerca dos problemas em questão. O cristão tem o direito de externar essas opiniões tanto nas urnas eleitorais como também com outros métodos, contribuindo assim para o progresso do bem — como em nosso caso da legislação social. Da mesma forma empregará a sua influência para conseguir proteção ao descanso dominical e aos cultos eclesiásticos. Num Estado que reconhece as igrejas cristãs, estas tem o direito e o dever de científicá-lo de seus desejos, expondo os seus pontos de vista acerca duma reforma social. Como recompensa, nos membros vivos das igrejas cristãs o Estado achará elementos que sempre serão positivos e fiéis. Para todo trabalho social feito por cristãos devia ser lema e diretriz que o próximo, como criatura de Deus, deve ser tomado a sério em sua situação especial, pois, sômente assim cumprimos nêle a vontade divina. Deus age em nossa vida por mãos humanas. Ele silencia quando nós guardamos silêncio!

V. *Aperfeiçoamento do mundo e questão social.*

Num livro que apareceu há anos, tendo por conteúdo relatos dum viajante sôbre a vida na Rússia, o autor pergunta: Porquê é que

Deus consente na desgraça que se origina dum estado ateuista? E êle mesmo dá a resposta: Para o cristão, um tempo de sofrimento e desgraça prova perfeitamente que Deus costuma retirar a sua mão dum povo que lhe desobedece obstinadamente. Já os profetas do Antigo Testamento anunciaram aos ricos avarentos e inescrupulosos o juízo de Deus, que junto com êles atingiria o povo em sua totalidade.

Quando, há cem anos, manifestou-se pela primeira vez o comunismo ateuista, *Wichern* fêz saber àqueles que se disseram inimigos deste sistema que êles, na realidade, se bem que indiretamente, o favorecessem — pois a descrença, a frivolidade moral, aberta ou disfarçada, a maneira indigna pela qual sabiam defender seus interesses materiais, o modo egoísta e impiedoso pelo qual trataram as camadas simples do povo — tudo isso levava o povo às fileiras dos comunistas. No Novo Testamento Jesus pronuncia o «ai» sôbre os ricos. Devemos, porém saber que em nenhuma parte se condenam as riquezas em si, mas apenas aquelas que impedem o homem de chegar a Deus, tornando o seu coração insensível às necessidades do próximo.

A história do rico e de Lázaro mostra com insofismável clareza, qual o destino que na eternidade aguarda a tais pessoas sem misericórdia. Vemos, que a questão social tem, também, um lado transcendental. Nada daquilo que aqui praticamos permanece sem conseqüências na eternidade. A consciência do valor transcendental dos nossos atos torna a nossa vida mais profunda e rica. Pensando ou agindo sempre nos sabemos responsáveis ao Altíssimo. O imperativo divino se impõe constantemente à nossa vontade, revelando, contudo, também a nossa impotência de sujeitar-nos totalmente à vontade divina.

Não devíamos pensar, que por meio d'um apêlo a nossas qualidades morais e racionais, pudéssemos fazer o que corresponde à vontade de Deus. Justiça social absoluta somente haverá na consumação da História, quando Christo, o Senhor, em pessoa assumirá o reinado. Até que isto aconteça — êste mundo em sua totalidade ainda permanece sol a lei e a tirania do pecado. Admitemo-lo honestamente: Enquanto existirem culpa e morte — existirão, também, miséria e injustiça. São elas, por assim dizer uma expressão visível de nossa mortalidade e imperfeição, da separação que existe entre Deus e o mundo.

Podemos considerar uma graça especial o fato de o mundo não cristianizado, que desconhece o Evangelho do Reino de Deus, reconhecer certas leis jurídicas e morais, que nos prevalecem da anarquia geral. Deus quer conservar a sua criação até o dia do juízo. Considerando ser da vontade de Deus que os valores se conservem, parece-nos especialmente injusto privar o povo de certos gêneros alimentícios, que cresceram pela graça de Deus, só por motivos egoístas, deixando-os estragar-se, ou, destruindo-os propositalmente.

E' por isso, que seria idéia temerária, já querer fundar neste mundo o reino de Deus, no qual habita perfeita justiça social. O Reformator Luther combateu justamente por isso o entusiasmo per-

verso e fanático dos camponeses alemães que se haviam revoltado, porquê atrás de suas idéias via uma força diabólica, querendo ocupar o lugar de Deus. Tôdas as vêzes que o homem substituir a Deus por uma potência terrestre ou por um sistema humano, êle não faz descer o céu à terra, mas sim, subir o inferno. Os programas políticos que nos tempos modernos vieram substituir a fé no Deus vivo, fizeram com que surgisse o ódio demoníaco da luta política, que, por via de regra, degenera em anarquia geral.

Quando o liberalismo se dispôs a solucionar o problema social, aumentando a produção (ou, libertando tôdas as forças criadoras, como dizia), conseguiu abalar o mundo com crises econômicas e falta de emprego. O nacionalismo opinava poder banir essas crises, limitando sua política econômica aos interesses exclusivos do próprio povo. Este modo de pensar conduziu ao armamento exagerado, arrastando os povos a guerras mundiais seguidas por miséria indescritível.

O comunismo prometeu realizar o paraíso na terra — transformando-a em campos de trabalhos forçados não compatíveis com a dignidade humana. (cf. White «Seleções, Abril 1945; pg. 95»). Não podemos sentir em tôdas essas experiências o juízo de Deus sobre os homens? Tôdas as vêzes que os homens quiseram pôr um ponto final no desenvolvimento histórico dos Estados, criando o Estado perfeito» isto é, ideal e imaginário — a consequência lógica foi o colapso total.

O que devemos, pois, fazer? Em primeiro lugar aprendamos a esperar com paciência — não com paciência lerda e cômoda, mas sim atíva e criadora! Caso formos cristãos verdadeiros, trabalhemos no terreno social como o havemos descrito, não por julgar que pudéssemos erigir já agora o eterno reino da justiça e paz, mas por saber que êste trabalho de amor ao próximo é um imperativo divino. Façamo-lo, pois, «pelo amor de Deus». O trabalho social não significa nenhuma marcha de encontro ao reino de Deus, ao contrário — devia representar um testemunho para a vinda do reino dos céus ao *nosso* encontro. Igualmente será uma confissão de fé em Christo, diferenciando-se, deste modo, de tudo que o «mundo» pensa e faz.

O cristão submete a sua vida à palavra que *Jesus* diz aos seus discípulos:

«Mas entre vós não será assim. Antes, qualquer que entre vós quizer ser grande, será vosso servo. E qualquer que dentre vós quizer ser o primeiro, será servo de todos.» (Marcos 10, 43—44).

Em síntese: Para o crente, a fé em Christo significa estímulo constante para colaborar eficazmente na solução do problema social. Mas o mesmo Christo que nos manda combater contra miséria e injustiça, diz-nos também, no Apocalipse de São João, cap. 21, que na consumação dos tempos êle mesmo há de erigir o reino, no qual não mais haverá pranto, nem lágrimas, nem dôr. Tenhamos, pois, fé neste reino prometido — e, até que se cumpra a nossa esperança, prove-mos a nossa fé na caridade — no amor ao próximo.

Diese Ausführungen sind das Ergebnis der Besprechungen einer theologischen Studiengruppe, welche vor einiger Zeit in São Leopoldo auf dem Spiegelberg das Thema: «Evangelische Kirche und soziale Frage» erörterte. Ein Kreis von Laien in Cachoeira, der sich unter der Leitung von P. Reusch aus ähnlichen Gründen versammelte, nahm zu diesem Beitrag u. a. folgendermassen Stellung:

«Ihre Themastellung hat sehr interessiert. Es wurde nur gefragt, ob man nicht vor der Behandlung des Teilproblems der christlichen Verantwortung gegenüber dem sozialen Teilgebiet, zunächst einmal das Grundproblem klären müsse, inwiefern und auf Grund welches Sachverhaltes überhaupt von einer christlichen Verantwortung gegenüber der Welt und ihren Teilgebieten der Wirtschaft und des Staates, der Gesellschaft und ihrer sozialen Struktur die Rede sein müsse. Es gäbe beachtliche Stimmen, die erklärten, die Beschränkung der Kirche auf ihre Aufgabe der Verkündigung des Evangeliums schliesse den Verzicht auf die Einmischung der Kirche in die Angelegenheiten des Staates und der sozialen Struktur in sich. Wer sich an diesen Dingen beteilige, der verweltliche die Kirche, der säkularisiere sie. Das sei ja gerade die Fehlentwicklung der Vergangenheit gewesen, aus der die Kirche herausmüsse. Die Kirche habe mit all diesen Dingen nichts zu tun. Man müsse da den weltlichen Stimmen zustimmen, die immer schon erklärt hätten, die Kirche habe nichts mit Politik und Wirtschaft zu tun. Sie habe nur das Evangelium zu verkündigen von der Versöhnung der Menschen durch Christus und die Welt mit ihren Problemen sich selbst zu überlassen. Wenn man nun daneben gerade von der einen Aufgabe der Evangeliumsverkündigung her von einer christlichen Verantwortlichkeit gegenüber der Welt und allen ihren Lebensgebieten wisse — und es lägen allerlei gute Gründe dafür vor, dass die Kirche diese Verantwortlichkeit wieder ganz anders ernst nehme — dann müsse sie zunächst einmal eindeutig und deutlich klar machen, dass und inwiefern die Bestätigung dieser Verantwortlichkeit gerade ein Treusein gegenüber dem ihr gewordenen Auftrag der Verkündigung bedeute...

Ihr Ansatzpunkt vom Evangelium her, bei der Behandlung des Was der Verantwortlichkeit des evangelischen Christen dem sozialen Problem gegenüber, wird als richtig bezeichnet. Es wird nur gefragt, ob dieser Ansatzpunkt auch bei Ihrer Analysierung der Gegenwarts-lage konsequent durchgeführt ist oder ob Sie sich nicht bei der Definierung der augenblicklichen sozialen Struktur unseres Landes durch den Begriff des «Frühkapitalismus» von philosophisch-soziologischen Wertmassstäben zu sehr haben leiten lassen. Dass die Erneuerung des sozialen Lebens gesehen wird in dem Ereignis der neuen Betätigung einer echten Verantwortlichkeit, die auch im sozialen Sektor von Schuld und Vergebung weiss, wird als Nerv einer wirklich echten Verantwortlichkeit empfunden. Bevor es zu Aeusserungen zur bisherigen staatlichen Gesetzgebung von unserer Seite aus kommt, hält man es für wichtig, dass sich evangelische Männer aus allen Kreisen der Wirtschaft mit dem Problem einer Stellungnahme zu diesen Din-

gen beschäftigt: und so von ihrer christlichen Verantwortung her diesen Dingen gegenüber ein gemeinsames Wort zu finden versuchen.»

Anderen Urteilen, welche die Frage weiter klären, geben wir gern Raum

Die Schriftleitung.

Was hat der Glaube an Jesus Christus mit der Politik zu tun?

Göb Harbsmeier (Pastor bei Göttingen).

Politik muß sein. Politik ist die immer von neuem notwendige Ordnung des menschlichen Miteinanders, damit es nicht drüber und drunter geht in der Familie, der Gemeinde, dem Volk, dem Staat und zwischen allen diesen Größen. Sie hat Grenzen zu stecken, in denen man leben kann. Sie hat alle Macht mit dem Recht zu durchdringen und ihm unterzuordnen. Sie hat dem Bösen und der Willkür wirksam zu wehren. Sie hat die ihr gegebene Macht im Dienste des Rechtes anzuwenden. Sie muß ständig von neuem Ordnung schaffen und aufräumen und umräumen, damit nicht aus der Wohltat einer ursprünglich guten Ordnung die Menschenquälerei einer ungerecht gewordenen Ordnung werde. Die Politik ist der ständige Kampf gegen die immer wieder eindringende Unordnung, Ungerechtigkeit, gegen das ständig drohende Chaos der Anarchie (Geseklosigkeit) und rohen Gemeinheit.

Der Politiker hat ein Amt, das jedem menschlichen Miteinander nottut, damit nicht, wie in einem herrenlosen, unordentlichen Haushalt eine völlige Verwahrlosung eintritt. Der Glaube an Jesus Christus soll wissen und sagen, daß jedes politische Geschäft des Menschen ihm von Gott aufgetragen worden ist. Wer ein politisches Amt hat, der hat es von Gott, der steht an Gottes Statt, ist ein Diener Gottes, ist von Gott selbst beauftragt und darum auch Gott verantwortlich, ob er es weiß oder nicht. Der Glaube an Jesus Christus kann wissen, daß Gott der Herr und Auftraggeber aller politischen Herren auf Erden ist. Bei Ihm ruht die alleinige Initiative, die eigentliche Beauftragung aller politischen Macht.

Die politische Aufgabe ist eine große, wohltätige Aufgabe. Sie ist aber auch eine begrenzte Aufgabe. Sie ist eine Aufgabe, die durch die göttliche Autorität geheiligt ist.

Der Glaube sieht die Größe und Schönheit, die Grenze und die Verantwortlichkeit des politischen Amtes. Er soll dem Träger dieses Amtes Mut machen, es mit Würde und göttlicher Autorität zu führen, sich aber auch in seinen Grenzen zum Wohle aller zu bescheiden. Auch die allergrößte Weltpolitik des Menschen hat genau so wie die kleinste Familienpolitik eines Vaters allein die Aufgabe, durch das Recht mit Hilfe der ihr gegebenen Macht und Autorität Ordnung zu schaffen und zu halten wider die Unordnung, die Bosheit und das Chaos.

Darüber hinaus soll und kann auch die größte Weltpolitik nichts wollen und nichts tun. Die Politiker auf Erden haben genug zu tun,